

NELSON WERNECK SODRÉ: UM HISTORIADOR MILITAR DE ESQUERDA NO LIMIAR DA RENOVAÇÃO CRÍTICA DA GEOGRAFIA

Marco Túlio Martins

Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Bolsista FAPEMIG
marcogeografia2008@yahoo.com.br

Rita de Cássia Martins de Souza Anselmo

Docente do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia
ritacmsou@ufu.br

RESUMO

Este artigo tem como proposta central a produção de Nelson Werneck Sodré intitulada *Introdução à Geografia: Geografia e Ideologia* e a sua inserção na década de 1970 para o processo de renovação crítica da Geografia. Esta obra propicia a leitura do cenário em que a ciência geográfica se encontrava. Esta produção werneckiana aparece com um caráter denunciativo de como a Geografia estava sendo usada, não só no campo da ciência como também do próprio Estado brasileiro da época, para legitimar processos econômicos, sociais e, sobretudo, geopolíticos. Assim, pode ser considerada uma *Introdução à Geografia* às avessas, pois, esta não se restringe à análise de caráter inicial para entender a Geografia. A reflexão é construída por meio do resgate biográfico do autor, de sua obra e o contexto histórico no qual foi produzida. Resgatar-se-á não somente um período da história da Geografia, mas, algo que é mais amplo: o pensamento geográfico.

Palavras-chave: Nelson Werneck Sodré; Geografia; Renovação Crítica

NELSON WERNECK SODRÉ: A MILITARY HISTORIAN OF LEFT IN CRITICAL THRESHOLD OF RENEWAL OF GEOGRAPHY

ABSTRACT

This article is central proposal of the production of Nelson Werneck Sodré titled *Introduction to Geography: Geography and Ideology* and its inclusion in the 1970 renewal process for critical geography. This work provides the reading of the scenario in which geographical science was. This production appears as a character werneckiana denouncing as Geography was being used not only in science but also of the Brazilian State's own time, to legitimize economic processes, social and, especially, geopolitical. It can thus be considered an *Introduction to Geography* in reverse, then, this is not restricted to the initial character analysis to understand the geography. Reflection is built through restoring the author's biography, his work and the historical context in which it was produced. Redeem will be not only a period in the history of geography, but something that is broader: the geographical thought.

Keywords: Nelson Werneck Sodré; Geography; Critical Renewal

INTRODUÇÃO

Nascido no início do século XX, Nelson Werneck Sodré produziu uma bibliografia² de mais de 50 obras e centenas de artigos, tendo proporcionado uma contribuição fundamental para a

Recebido em 08/07/2011

Aprovado para publicação em 21/10/2011

² Ivan Alves Filho afirmou que há três fatos para justificar o tamanho da produção bibliográfica de Nelson Werneck Sodré. "Primeiro, havia a tenacidade pessoal do autor. Pesquisador incansável, reuniu, por exemplo, durante cerca de trinta anos, com rara paciência, documentos que o permitiriam escrever sua monumental *História da imprensa*. Depois, vinha a questão do método marxista, que aplicava com raro rigor entre nós, a ponto de receber críticas e mesmo acusações de usar de excessiva ortodoxia na aplicação do materialismo à realidade brasileira. É de supor que a longa

historiografia brasileira. Intelectual de peso teve uma abertura de pensamento para o debate crítico que o fez aprimorar suas concepções, visivelmente percebidas na “evolução” cronológica da obra. Iniciando sua produção bibliográfica com a temática da literatura no Brasil³, o autor compôs sua produção numa diversificação temática, que abriu possibilidades analíticas importantes para o entendimento da sociedade brasileira.

Apesar de ser assim reconhecido, não foi realizada uma análise mais aprofundada de sua obra por parte dos geógrafos, que para não dizer nula, é quase inexistente neste início de século XXI. Se de “setores” aos quais a produção werneckiana estava mais direcionada, como a História, a Ciência Política, a Economia, a Comunicação, a obra de Nelson Werneck Sodré foi muito criticada, conforme já sinalizou Marcos Silva⁴ (2001), na Geografia a obra werneckiana foi negligenciada pelo menos pela maioria dos geógrafos.

Não houve a construção de uma reflexão, no que diz respeito, tanto ao papel que desempenhou naquele período histórico o seu livro destinado à Geografia⁵, como também, não houve uma análise acerca da geograficidade presente em sua obra como um todo, sobretudo, no que diz respeito ao processo de formação territorial do Brasil e, como corolário, às propostas de modernização para o território brasileiro presentes nas suas teorizações

Assim, o objetivo aqui é o de iniciar a reflexão necessária para a compreensão de sua obra do ponto de vista da história do pensamento geográfico a partir do livro *“Introdução à Geografia: geografia e ideologia”*. Entende-se como fundamental compreender o seu papel e sua relevância no contexto da publicação, bem como compreender o *indivíduo expressivo* Nelson Werneck Sodré, o seu pensamento e, a que grupo social e político, este intelectual respondia. Levando em conta, conforme a proposição de Lucien Goldmann, que:

“O pensamento é apenas um aspecto parcial de uma realidade menos abstrata: o homem vivo e inteiro. E este, por sua vez, é apenas um elemento do conjunto que é o grupo social. Uma idéia, uma obra só recebe sua verdadeira significação quando é integrada ao conjunto de uma vida e de um comportamento.” (GOLDMANN, L, 1979, p.8).

Cabe aqui de imediato, colocar o que se entende por pensamento geográfico, pois, é a partir dele que este trabalho começa a ser estruturado, assim,

Por pensamento geográfico entende-se um conjunto de discursos a respeito do espaço que substantivam as concepções que uma dada sociedade, num momento determinado, possui acerca de seu meio (desde o local ao planetário) e das relações com ele estabelecidas. Trata-se de um acervo histórico e socialmente produzido, uma fatia da substância da formação cultural de um povo. [...] Eles [os temas geográficos] emergem em diferentes contextos discursivos, na imprensa, na literatura, no pensamento político, na ensaística, na pesquisa científica etc. Em meio a estas múltiplas manifestações vão sedimentando-se certas visões, difundindo-se certos valores. Enfim, vai sendo gestado um senso comum a respeito do espaço. (MORAES, A.C.R, 2005, p.32).

convivência na caserna reforçou seu pendor pela organização e pela disciplina. Finalmente, convém destacar sua honestidade intelectual e o compromisso com as causas nacionais e populares”. (ALVES FILHO, Ivan, 2006, p.32).

³ Em 1938 Nelson Werneck Sodré publica seu primeiro livro titulado: História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos. Konder comenta do livro em relação ao método de análise utilizado por Sodré neste livro: “Ainda na década de 1930, o moço que nasceu em 1911 e cursou o Colégio Militar se dispôs a empregar uma metodologia “materialista” na abordagem das relações entre a literatura e a sociedade brasileira e escreveu o livro *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos* (publicado em 1938). Retomou suas concepções pouco depois, em *Síntese do desenvolvimento literário no Brasil*, lançado em 1943. (KONDER, Leandro, 2006, p.55).

⁴ O professor Marcos Silva (2001) problematiza a obra de Sodré da seguinte forma: “Como abordar o trabalho de um autor habitualmente situado fora dos cânones historiográficos instituídos, julgado refugio ideológico e objeto de descarte, tornado mesmo exemplo de “O que não fazer”?” (SILVA, M. 2001, p.9).

⁵ . SODRÉ, N.W. *Introdução à Geografia: Geografia e Ideologia*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976. 135 p. 1976.

NELSON WERNECK SODRÉ: UM HISTORIADOR FAZENDO A CRÍTICA DA GEOGRAFIA

O livro "Introdução à Geografia: geografia e ideologia" foi publicado em 1976, momento de plena ditadura militar no governo de Ernesto Geisel no Brasil. Segundo estudiosos da obra werneckiana (), este período é considerado a fase de síntese do pensamento intelectual de Nelson Werneck Sodré. A produção intelectual de Sodré pode ser dividido em três fases conforme esses estudiosos: o seu momento de maturidade que pode ser compreendido entre 1938 a 1953; o de consolidação do pensamento que vai de 1954 a 1964, período o qual Sodré fez parte do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros); e, a última fase, a de síntese, que se inicia em 1964 e termina no ano de seu falecimento em 1999.

Dependendo da obra dentro da totalidade de sua produção intelectual, pode haver características distintas em relação ao método. A consolidação de um pensamento marxista no autor, por exemplo, somente torna-se evidente e sólido a partir do período que ele comporá o corpo docente do ISEB, na década de 1950. O livro, ora analisado, é um dos únicos que apresentam um caráter diretamente destinado à Geografia, apesar de, em quase toda a sua obra, este caráter ter permeado o seu discurso e suas teorizações, o que coloca em evidência a importância não só da disciplina científica, mas também, de um discurso que se quer geográfico.

Sodré, por não ter formação de geógrafo, sofreu muitas críticas ao escrever um trabalho nessa linha, não eliminando a parcela de seus admiradores, incluindo geógrafos, sobretudo por ser um historiador, com formação militar e por constituir-se como um intelectual marxista. Contudo, isto não resolveu o seu isolamento na e pela Academia.

Em relação à comunidade de geógrafos, o livro foi bem aceito por aqueles de tendência crítica e pelos que viam como negativo o aspecto tecnicista da Geografia predominante da época comprometida com os interesses do Estado. Estes percebiam o caráter de denúncia da obra, cuja crítica aparece disfarçada na intenção de apresentar uma "Introdução à Geografia". Assim, o título da obra aparece como um paradoxo, pois, o sentido que uma introdução carrega, não é, exatamente, o sentido que Sodré quer dar ao livro. Este é muito menos uma introdução ao que se entende por Geografia, mas de fato uma elaboração crítica sobre o papel político e ideológico desta.

Para Vesentini, em uma resenha crítica do livro "Introdução à Geografia: geografia e ideologia", elaborada em 2005 e publicada no Dicionário Crítico de Nelson Werneck Sodré organizado por Marcos Silva em 2008:

"É exatamente a conjuntura dessa década, tanto no exterior (a guerra fria) como principalmente no Brasil, que ajuda a explicar esse repentino interesse de Werneck Sodré pela geografia. O autor via na ciência antes de tudo uma forma de militância, e escrever sobre a geografia naquele momento, a nosso ver, significou para ele duas frentes de luta: por um lado, a possibilidade de denunciar um certo viés tecnicista e até mesmo oportunista, no fundo um arremedo do que ocorria nos Estados Unidos, que predominava em boa parte da geografia brasileira; por outro, sem dúvida que mais importante para o autor, esse foi uma maneira que encontrou para criticar, mesmo que de forma disfarçada ou indireta, o pensamento tecnocrático do governo federal e em especial a geopolítica dos militares." (VESENTINI, J.W, 2008, p.214).

De fato, a força motriz para que levou Sodré a criticar a Geografia que vinha sendo produzida foi perpassada pela contextualização histórica externa e interna ao Brasil, sobretudo pelo discurso ideologicamente construído pelo Estado brasileiro à época. Contudo, o envolvimento de Nelson Werneck Sodré com a Geografia, em nosso entendimento é muito mais profundo. O envolvimento com e a incorporação da Geografia em seu discurso surgiu por dentro de uma via institucional. Segundo Cel. Luís de Alencar Araripe,

"Nelson Werneck Sodré participou das duas mais importantes organizações culturais militares do Exército. Ao tempo de instrutor da EEME, o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, o IGHMB, elegeu-o seu membro, mas só 15 anos mais tarde ele se disporia a tomar posse de sua cadeira. Por ocasião do falecimento de Sodré, o instituto prestou-lhe as homenagens que lhe eram devidas. Anos depois, o ministro Guerra

nomeou-o integrante do Conselho Diretor da Biblioteca do Exército.” (ARARIPE, Cel. Luís de Alencar, 2006, p.69).

Quando se constata a formação militar do autor e a sua participação em Institutos, tanto militares (IGHMB) como de pesquisa (ISEB), coloca-se em evidência duas possíveis interpretações sobre a obra: o caráter denunciativo do processo histórico em curso no Brasil e legitimação que a ciência geográfica produziu para esse processo. Contudo, é necessário ressaltar que, como sinalizou Moraes (1988), o autor não avançou suficientemente na análise. Não alcançou, por exemplo, uma distinção imprescindível, em nosso entendimento, entre uma Geografia própria do Estado (sendo utilizada como ferramenta para o processo de integração e modernização nacional) e uma Geografia propriamente científica, que vinha sendo produzida na Academia.

O autor escrevia o livro num momento de intensos debates acerca da renovação epistemológica da ciência, em âmbito internacional. Para Gomes (2007), os críticos da Geografia produzida, desde o pós guerra, interpretavam a ciência de forma extremamente crítica, ou seja,

“(…) a ciência só pode ser interpretada segundo um ponto de vista político, e a pressuposição de neutralidade já é em si mesma uma premissa ideológica. A ciência é o produto de uma sociedade desigual, na qual o poder é exercido por grupos minoritários que controlam também a produção do saber, seus objetivos e aplicações.” (GOMES, 2007, p.277).

Trazendo para a Geografia este discurso crítico interpretativo sobre a ciência pode-se verificar os questionamentos direcionados à Geografia Tradicional ou Clássica e, que podem ser distinguidas em duas vertentes: aquelas voltadas para o caráter teórico-metodológico e aquelas que focam mais as questões práticas e ideológicas da Nova Geografia. (GOMES, 2007, p.274).

Neste sentido evidencia-se um limite do livro *“Introdução à Geografia”*, que, possivelmente, tenha aparecido pela necessidade do autor querer destacar a crítica ao viés ideológico presente na produção geográfica, somente, ou por uma limitação do próprio autor. Moraes (2005) aponta o aspecto limitante dessa obra e de seu propósito destacando três principais limites relacionados à questão das idéias geográficas e da ideologia. Assim, integra essa produção de Sodré à seguinte redução, segundo Moraes:

“Uma terceira ressalva diz respeito a um eticismo exacerbado que geralmente domina a abordagem dessa relação. Na verdade, poucas análises concretas têm sido desenvolvidas numa discussão que tem trafegado quase exclusivamente num plano de princípios gerais. O grau de abstração do debates (sua pouca concretude histórica) é bastante intenso, sem que isto corresponda a um enriquecimento diretamente filosófico. Certas mediações, imprescindíveis numa reflexão que se almeje política, entre elas as de cunho nacional e conjuntural, são totalmente perdidas. Isto implica que se tome o discurso geográfico e a ideologia como abstrações, universais vazios sem determinações históricas. Em outras palavras, discute-se a relação entre Geografia e ideologia *em geral*. Aqui uma dose elementar de materialismo histórico e dialético resolve as carências, ultrapassando o patamar panfletário do marxismo vulgar.” (MORAES, 2005, p.42).

Moraes (2005), portanto, coloca o autor do livro *“Introdução à Geografia: geografia e ideologia”* com uma preocupação muito mais voltada para uma análise “histórico-concreta” do que para uma “elucidação conceitual mais rigorosa”, pesando a crítica e a direcionando para o próprio marxismo utilizado por Sodré. Nas palavras de Moraes, neste livro, Nelson Werneck Sodré

“(…) não se preocupa muito com a elucidação conceitual. Seu interesse maior reside na esfera histórico-concreta: o rastreamento das idéias deterministas no Brasil, na passagem da Monarquia à República. O autor, entretanto, tropeça numa visão excessivamente acrítica em relação à Geografia lablachiana e às teorias possibilistas. Na realidade, Sodré acompanha a leitura de Lucien Febvre quanto à evolução da Geografia, uma concessão

talvez demasiada à “escola dos Annales” por parte de um historiador marxista (assumidamente “ortodoxo”).” (MORAES, 2005, p.43).

A despeito das críticas apontadas, o livro, contudo, representou uma importante contribuição constituída por via de uma das primeiras análises de fundo marxista produzidas no Brasil acerca da ciência geográfica. Nos anos de 1970, o marxismo teve um papel importante para a renovação da ciência como um todo e, particularmente da Geografia. Segundo Gomes (2007), esta influência do marxismo se deu de duas principais formas. De um lado influenciou a modificação do trabalho acadêmico colocando-o a par de sua responsabilidade política e social, ou seja, enquadrando-o “em uma visão mais ampla e consciente do contexto político da ciência e da sociedade” (GOMES, 2007, p.284). De outro lado, influenciou as ciências sociais que puderam passar a elaborar modelos “... inteiramente concebidos na esfera do domínio social” (GOMES, 2007, p.284).

No Brasil, o governo militar moldava o processo de desenvolvimento do país e sua inserção no jogo capitalista financeiro internacional. As ideias de um Brasil potência, de um país rumo à superação da “etapa do subdesenvolvimento”, de um “milagre brasileiro”, afloravam entre a elite, que queria colocar definitivamente em vigor o projeto de modernização. Nesse sentido, foi estimulado o desenvolvimento dos setores científicos e tecnológicos para que certo projeto geopolítico de modernidade se materializasse. Este projeto mais de modernização, e menos de modernidade, não foi algo sistematizado e pensado em conjunto como a idéia de projeto pode subentender. Segundo Becker e Egler (1994) este projeto:

“[...] não resultou de uma campanha inteligente e racional, mas de uma série de iniciativas isoladas e tomada de decisões segundo as condições do momento, cheias de dilemas, que acabaram convergindo num projeto de governo gerido pelos militares.” (BECKER & EGLER, 1994, p.125).

O incentivo a indústrias de bens de capital combinado ao processo de autonomia tecnológica propiciaria a dinamização e modernização do processo produtivo do país. Estas políticas territoriais estavam atreladas à ideia de integração nacional. Quando as elites dirigentes decidiram e apostaram na modernização do território nacional, não diminuíram as desigualdades sociais junto ao desenvolvimento econômico acelerado, como foi idealmente proposto. Neste sentido, “a integração territorial foi um recurso ideológico essencial utilizado para ampliar o controle do território nacional e encobrir as políticas seletivas espaciais e sociais” (BECKER & EGLER, 1994, p.125-126).

Sodré vivia este processo de uma forma imanente, pois, como militar e comunista, experimentava as contradições no seu cotidiano. Por estar completamente envolvido na *máquina militar*, era forçado a reconhecer a responsabilidade da Geografia acerca da produção territorial e social desigual e ao lado do Estado propondo técnicas a fim de propiciar a modernização e o planejamento do território.

“A Geografia de nosso tempo – e ao século XX nos referimos – vive uma contradição entre o impulso de estudar os fenômenos, com sentido pragmático, e a natureza, para melhor explorar os seus recursos, e a necessidade de omitir resultados ou barrar pesquisas que contribuam para desvendar o caráter de classe do aproveitamento daqueles fenômenos e dos citados recursos. Assim, ora sonega as razões reais da erosão do solo ou do rompimento do equilíbrio ecológico do meio natural; ora estimula as pesquisas meteorológicas, em face das necessidades crescentes do transporte aéreo; ora desconhece as razões da miséria que convive com a opulência da natureza, em determinadas regiões; ora impulsiona a pesquisa de recursos minerais, para proveito de monopólios. Assim, de um lado, assiste-se a extraordinário surto de inovações técnicas, que permitem à Geografia Física seu avanço anárquico; de outro, ao surto das falsidades que povoam a Geografia Humana, retardando-a.” (SODRÉ, 1976, p.9).

Segundo o historiador, houve também, certa incapacidade de criação de uma ciência geográfica independente nos moldes brasileiros. Construiu-se assim uma ciência no século XX, voltada para e baseada em teorias que vieram de fontes externas, sobretudo da Europa. O autor coloca como um forte impedimento do desenvolvimento desta disciplina no Brasil, o

histórico colonial, o que se refletiu sobre o país, tanto em termos culturais e políticos quanto econômicos. A Geografia não teria conseguido se desenvolver e consolidar como uma Geografia brasileira em vista de ter se atido, sempre, aos modelos advindos da Europa.

“Se a Geografia era ainda, mesmo em suas fontes, arrolamento e descrição, e o Brasil se apresentava como simples cenário exótico ou pitoresco, sobre o qual as atenções se concentravam na medida mesmo em que acentuava diferenças, o nosso País, embora já autônomo, carecia de condições para criar uma ciência própria, no sentido de, aproveitando o cabedal teórico formulado no exterior, sistematizar o conhecimento de nossa própria terra. A incapacidade para isso derivava de uma estrutura colonial, que ultrapassaria os marcos da autonomia: a cada fase histórica corresponde um estágio dos estudos geográficos. Os materiais para a Geografia, no século XIX, foram colhidos nas viagens e recolhidos aos arquivos. Dessa maneira, o sentido quantitativo e descritivo presidiu a acumulação e ordenação desse material bruto. As publicações ressentiam-se do mesmo caráter. Até as instituições, de que permanece, como típica, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, venerado e anacrônico, com a sua *Revista* recolhendo contribuições de viajantes e autoridades.” (SODRÉ, 1976, p.10).

Nelson Werneck Sodré mostra, neste sentido, que houve uma tentativa de avanço da Geografia brasileira, porém, o contexto político impediu o desenvolvimento de uma ciência que poderia ter a crítica social como uma de suas armas. Na realidade, a comunidade geográfica, segundo o autor, tinha tudo para que seu olhar fosse direcionado para uma crítica referente ao espaço produzido, sobretudo, no momento da criação de um discurso veiculado para anular ou obscurecer as mazelas que o “Grande Milagre” não conseguiu materializar corrigir.

Na tentativa de mostrar a existência de uma “pré-história” da Geografia presente na Antiguidade com os gregos, mas ainda não sistematizada como tal, Sodré remonta a um caráter ideológico presente já naquela fase. A concepção determinista predominante e a naturalização das desigualdades sociais como processos legítimos é que sustentava uma sociedade escravocrata como a dos gregos. O autor traz isto para discussão demonstrando que estes processos são decisivos para a dominação e exploração na expansão mercantil e imperialista no mundo. Neste ponto, é importante retomar a crítica de Moraes: quando Sodré conta a história da Geografia, iniciada com os gregos até o século XX, gera um aspecto evolucionista, o qual Moraes elucida como um acompanhamento da leitura de Lucien Febvre.

É fato que o autor articula desde uma “pré-história” da Geografia e continua explorar a sua “história” de uma forma encadeada e contínua. Vai compondo, assim, as formas como a Geografia vai sistematizando desde os gregos até a Revolução Científica do século XVIII, traçando uma trajetória histórica repleta de escolhas que ampararam a Geografia científica a partir do século XIX e os seus moldes até a década de 1970 do século XX.

O início da história moderna da ciência geográfica revelou-se no momento em que avultaram novos conhecimentos advindos das grandes descobertas. Neste sentido, para Sodré, a Geografia “nasceu” junto à etapa inicial do colonialismo. A carga ideológica desse período é imensa, segundo o autor, acompanhando a necessidade de se criar um processo de dominação e exploração de novas áreas. Segundo Sodré, “a burguesia cria as técnicas de que necessita, mas arma-se ideologicamente, também. A Geografia vai nascer, como disciplina autônoma, sob esses auspícios”. (SODRÉ, 1976, p.23).

Outro ponto destacado e que é fundamental para se discutir o papel da Geografia no processo de reprodução social é a sua relação com a História e, no geral, a sua relação com as ciências naturais e com as ciências sociais. Tornou-se muito comum o debate em torno do objeto de estudo da Geografia, ou ainda sobre seu caráter social ou natural; além disso, se ela é ou não o agrupamento de diversos saberes com um olhar próprio ou, quais são as aplicações de seus saberes.

O território, para Sodré, não pode ser compreendido sem se considerar o processo histórico, ou seja, fazer uma Geografia sem a História é cair num reducionismo de caráter ideológico. Quando o autor levanta os questionamentos que dizem respeito a esta relação da Geografia com a História, é com preocupação focada nas conseqüências que os conhecimentos geográficos produzidos podem gerar. Tais questionamentos partiram da seguinte formulação de Sodré:

“Os dois grandes problemas que a Geografia se defronta, nos preliminares de sua autonomia, permanecerão por longo tempo em discussão. O primeiro foi sua ligação com a História, de que foi tida, geralmente, como servidora: “A Geografia, assim como a cronologia, aspiram apenas a ilustrar a História”, chegou a afirmar um geógrafo inglês, Pinkerton, no início do século XIX. A Geografia deveria servir, e vinha servindo, apenas para esclarecer ou fundamentar aspectos ou episódios históricos. Chegara o momento, como escreveu Peschel, ao historiá-la, talvez mais importante, pois “de servente da História elevou-se à posição de sua mestra e, realmente empossada de visões proféticas, viu-se com o poder de predizer o futuro”. Ora, isso era a total inversão das coisas. Se a Geografia vinha servindo à História – nem sempre bem, como se viu dos exemplos citados – ela era colocada agora como sua tutora. Até que ponto essa inversão correspondeu à tentativa de retardar ou impedir o desenvolvimento da História, correspondeu a uma reação anti-histórica, que se tem repetido, sob outras condições e sob outras formas, ao longo do tempo? Até que ponto a ideia fundamental da História – a de mudança – encontraria na Geografia, erigida como ciência do espaço imutável, considerável obstáculo ao seu avanço? Até que ponto o desenvolvimento da Geografia – claro que sob a forma que assumiu – representou esforço ideológico no sentido de retardar o desenvolvimento da História?” (SODRÉ, 1976, p.23,24).

São três os principais questionamentos levantados pelo autor neste trecho e que nos levam a refletir acerca não só da relação Geografia e História, mas também do papel que a Geografia desempenhou durante o desenvolvimento histórico da organização social e política do mundo. A correspondência de uma reação anti-histórica na Geografia referia-se a uma preocupação com o presente, ou seja, era retirado da análise o processo de formação fundamental para entender a composição presente de uma determinada sociedade. Este processo é ideológico, pois, retirando a história retiram-se também as possibilidades de esclarecimento e entendimento das contradições presentes no processo.

Neste sentido, os questionamentos de Sodré são em si interligados: o caráter anti-histórico da Geografia possibilitou o desenvolvimento desta nos moldes que as classes dominantes necessitavam para a manutenção do *status quo* e para legitimar os processos de exploração e dominação. A reflexão crítica acerca do caráter histórico representaria um obstáculo ao avanço dessa ciência, pois, ligada ao aparato do Estado, conseqüentemente às classes dominantes, a Geografia não poderia aprofundá-la uma vez que esta implicaria um rompimento com a ordem estabelecida e a organização social em processo. Isto significa que a Geografia teria parcela determinante na organização e no ordenamento territorial realizado pelas classes dominantes. Tal característica propicia para uma ciência que, tem como finalidade, a compreensão da organização dos objetos no território, a possibilidade de esconder as mazelas de um sistema político e econômico repleto de contradições, visto a realidade da grande maioria da população, no caso brasileiro.

A História continuou normalmente seu desenvolvimento nesta fase em que a Geografia, ou os geógrafos mais ligados à tendência tecnicista, não a incorporou como importante para compor suas análises, mas também não retardou seu desenvolvimento. O que a Geografia fez foi não se atrelar ao conhecimento provido pela História, pois, tal conhecimento representava considerar o processo, ou seja, o movimento da sociedade, dando a abertura necessária para os questionamentos e críticas referentes ao seu fazer científico. O afastamento da História veio para atender a uma dinâmica material necessária para o desenvolvimento econômico do território, isto, explicado pelo aparecimento de uma Geografia voltada para a técnica.

Ligado a todo este processo de expansão e ascensão do capitalismo, Sodré não poderia ter deixado de explicitar sua visão e o que representava a chamada Geopolítica. Para o autor, falar da Geopolítica compõe o eixo de todo o processo contraditório e ao mesmo tempo inerente vivido pela Geografia. Ainda na visão do autor, a Geopolítica é parte de um fio de caráter ideológico que pertence ao determinismo ratzeliano. Nas palavras de Sodré, “desde que Ratzel lançara as bases do determinismo, abrem-se à Geografia dois caminhos: o científico e o ideológico. A Geopolítica representa a culminância da trilha ideológica”. (SODRÉ, 1976, p.54).

Sodré trabalha com a idéia de ciência que não se desvincula da ideologia, portanto, não há essa separação. Isto é justificado pela idéia de ciência que ele apresenta, ou seja, a ciência

está sempre ligada ao poderio das classes dominantes, sendo assim, ao caráter ideológico que é próprio desta ciência. Assim, segundo Sodré, os possibilistas como os deterministas desenvolvem uma ciência de classe, por fazer parte deste movimento da ciência.

O autor radicaliza ao falar da Geopolítica e o que ela representa para a Geografia. Erigida na etapa imperialista do capitalismo, a Geopolítica fazia parte única e exclusivamente do plano político segundo Sodré:

“[...] seu estudo, não deve deixar de ser feito, entretanto, pois encerra preciosos ensinamentos, e particularmente quanto ao grau de descomedimento e de falsidade a que pode atingir o conhecimento, quando a serviço das forças reacionárias, necessariamente obscurantistas”. (SODRÉ, 1976, p.54).

Nesta parte o autor deixa muito claro que é importante estudar a Geopolítica e as suas formas de lidar com o conhecimento para se contrapor ao caráter ideológico. Quando ele coloca que estas forças reacionárias são necessariamente *obscurantistas* explicita o caráter de classe do conhecimento que era produzido pela Geopolítica.

Retomando o que a Geopolítica causou em âmbito mundial, remete ao fascismo e, suas novas roupagens, que trazem, sob um novo discurso, as mesmas formas de se aplicar o seu ideário. Nos dizeres de Sodré,

“Não ficou a humanidade, entretanto, livre da deformação política que gerou aquele produto empírico; o fascismo retorna ao palco, às vezes disfarçado – batizando-se, aqui e ali, cinicamente, de democracia – mas sempre furioso e anticultural, como o neocolonialismo, que também abandonou as roupagens ostensivas do colonialismo tradicional – a que a Geografia esteve tão estreitamente ligada – para apresentar-se em travestis esfarrapados. Não é demais, pois, sumariar a gênese e a função da Geopolítica, apesar de tudo. Rebentos seus apodrecem à nossa vista. Não custa compreendê-los e situá-los pela informação sobre a matriz e sobre as condições que a geraram.” (SODRÉ, 1976, p.54,55).

Não mede esforços para colocar a Geopolítica como a parte mais “monstruosa” pertencente à Geografia. No capítulo “A Geopolítica” e também em vários outros pontos da obra que a ela se refere, Sodré enfatiza o seu caráter não científico e lhe atribui o adjetivo de *pseudogeográfica*. Neste sentido até a construção de “disfarces semânticos” era usada. Sodré exemplifica esta troca semântica em relação à Antropogeografia com a Geografia Humana e a Geopolítica com a Geografia Política.

“Note-se – porque os aspectos formais, são, por vezes, diáfanos disfarces daquilo que é conveniente esconder ou desconhecer – que duas controvérsias semânticas assumiram largas proporções: entre os partidários do título Antropogeografia e os partidários do título Geografia Humana, para o novo ramo dos estudos geográficos; e entre os partidários, pouco adiante, de Geopolítica ou de Geografia Política, como título para outro ramo da mesma Geografia. Com a diferença, do segundo em relação ao primeiro caso, de que o título Geopolítica, tendo sido desmoralizado, os partidários do título Geografia Política passavam a explicar que esta nada tinha a ver com aquela.” (SODRÉ, 1976, p.57).

As novas disputas territoriais que surgiram no mundo após a Segunda Guerra Mundial provocaram uma nova disputa pela expansão imperialista. Nos países que faziam parte deste processo mais intensamente como a Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos propiciar-se-iam as condições necessárias para a passagem do campo da Geografia ao da Geopolítica. Esta passagem, de acordo com Sodré, deve-se ao “teórico da expansão imperialista inglesa Halford Mackinder”. (SODRÉ, 1976, p.58). Neste sentido, a Geopolítica apresenta um papel de destaque no jogo político mundial entre as principais potências, dando a elas condições para alcançar um maior nível de desenvolvimento e possibilidades de organizar e colocar nos seus devidos lugares as “peças” desse mosaico. O primeiro a empregar a expressão Geopolítica foi o sueco Rudolf Kjellén. De acordo com Sodré,

“A Geopolítica passa de concepção desvairada de um geógrafo medíocre a instrumento teórico de destacado papel, assim, graças, de um lado – o geral – ao advento do socialismo no poder de um grande Estado e, de outro lado – o particular – à necessidade de aproveitar os ressentimentos e dificuldades da derrota e frustração para armar ideologicamente a burguesia alemã, tornando-a tropa de choque para a destruição da União Soviética, ao mesmo tempo que teoria justificatória da expansão imperialista na América, Ásia e África.” (SODRÉ, 1976, p.59).

A tese central trabalhada no capítulo sobre a Geopolítica, diante de todas as variações, é que esta é a “Geografia do fascismo”. O autor defende isto baseado no contexto histórico-político que vivia o mundo na Segunda Guerra Mundial, sobretudo direcionado ao regime nazista na Alemanha. Ele coloca que a Geopolítica somente tomou *status* de ciência e seus princípios se arrogaram a condição de “verdades” pelo regime nazista ter lhe dado primazia.

“Sem o nazismo, a Geopolítica não teria ultrapassado os limites daquilo, que, com frequência, na fase de decadência do capitalismo, em vários campos, confunde, a novidade com o novo. Seu ingresso na área científica estaria naturalmente vedado. O regime, entretanto, compeliu de forma irresistível, à submissão, todos aqueles que necessitavam continuar a exercer, na Alemanha, atividades culturais.” (SODRÉ, 1976, p.63).

Uma outra problemática levantada em relação à Geografia é a existente entre o Homem e a Natureza. É o entendimento do processo histórico pelo homem, que com o poder de modificação do seu meio, consegue estabelecer uma relação com ele através da aplicação de um trabalho, trabalho este que será o motor do processo transformador⁸ que construirá a sociedade que o homem vive. Este tipo de interpretação apareceu, sobretudo com a revolução científica do século XVIII com o advento da ciência moderna.

Mais uma vez durante o livro, Sodré remete a discussão sobre ciência. Discutir, neste outro momento, a importância do aparecimento de diversos conhecimentos durante diferentes períodos históricos é extremamente necessário para o processo evolutivo da ciência, ou seja, desconsiderar ou “julgar de forma mecanicista” estes conhecimentos anteriores ao seu período presente é certamente ignorar a complexidade da formação à qual a ciência passa.

No entanto, não “abandonar” as concepções anteriores que podem não mais acompanhar o desenvolvimento histórico do momento e trabalhar para fazer evoluir cientificamente as ideias e as técnicas é, cair num discurso ideológico do qual precisam as classes dominantes para manter o *status quo* e alienação da maioria da sociedade. Em relação a isto e conjugado com as discussões sobre o Homem e a Natureza, Sodré diz que:

“O importante seria, em seguida, abandonar a concepção metafísica e mecanicista, deixar de ver a natureza como obra acabada, estática, insusceptível de mudança. Essa concepção metafísica, que fechava os olhos à observação da realidade objetiva e se ancorava em concepções filosóficas próprias da classe dominante, mais voltada para o passado do que para o futuro, levava, inexoravelmente, ao determinismo geográfico. Este, que fora historicamente compreensível e inevitável, como etapa necessária no domínio dos conhecimentos, e particularmente os da natureza, representava, agora, obstáculo ao progresso da ciência e, adotado, definiria uma posição ideológica mais do que uma posição científica.” (SODRÉ, 1976, p.77,78).

A relação do Homem com a Natureza é a responsável pela existência material de tudo que pertence às sociedades. Um animal modifica a natureza exterior somente com a sua presença, já o homem consegue adaptá-la e, assim pode-se dizer que o animal simplesmente utiliza a natureza e o homem a domina para colocá-la a seu serviço. A consequência disso, do ponto de vista científico, é que a relação Homem - Natureza deve ser considerada no contexto das relações sociais e não no nível do indivíduo, segundo o autor.

No capítulo “Problemas da Geografia”, Sodré traz discussões que são importantes ainda hoje para o desenvolvimento da ciência geográfica. O conceito de espaço, pela complexidade e pela

amplitude das discussões torna-se importante para além dessa disciplina e se estende para a ciência como um todo.

A problemática ligada ao conceito de espaço tendo este ficado conhecido “pelo seu sinônimo imperfeito de solo” (SODRÉ, 1976, p.93). Sodré discute este conceito a partir de outras ciências para refletir a quem pertencia esta categoria, tanto dentro das ciências naturais quanto dentro das ciências humanas.

Percebemos que sempre quando o autor realiza alguma crítica relacionada ao contexto por ele vivenciado era cuidadoso no tratamento dos temas. Ele diz que a Geografia como qualquer outra ciência apresenta seu avanço sob erros e acertos, contudo, a avaliação desses erros, segundo ele, é importante para o desenvolvimento científico. Alguns desses erros eram “derivados das ciências vizinhas, outros inerentes ao trabalho dos Geógrafos, uns terceiros ligados à luta ideológica que, por vezes, os sacralizava em mitos”. (SODRÉ, 1976, p.96). Esta luta ideológica e a “sacralização” dos mitos diziam respeito ao contexto da ditadura militar vivenciada.

Pensando o papel da Geografia no movimento da ciência, Sodré coloca o seu entendimento do que essa trata esta disciplina. Assim, como um marxista e comunista, Sodré faz a crítica da neutralidade científica, pois para ele “todo conhecimento importa sempre em tomada de posição” (SODRÉ, 1976, p.106) e por isso não desvincula ciência de ideologia como já dito acima. Segundo Sodré, portanto, para a Geografia

“Nada do que é humano lhe é estranho. Os geógrafos que não estranham, nem repudiam, a invasão, na Geografia Física, de áreas como a da Geologia, da Meteorologia, da Geofísica, da Biologia, da Botânica, arrepiam-se quando a Geografia Humana se aproximada Economia, da Sociologia, da Política, da História. Mas os compêndios mais elementares de Geografia ocupam-se do cosmos, das raças, da população, da economia. Assim, o geógrafo deve conhecer as ciências que se ocupam dos astros, a etnologia, a antropologia, a demografia, a economia. E, em cada uma, saber distinguir o aspecto geográfico, aquilo que, sendo delas, serve, quando associado, gerando o geral ou o universal, ao conhecimento geográfico. Para isso, é preciso saber, sem dúvida. Já Brunhes, apesar de sua visão limitada da Geografia, podia discorrer sobre essa necessidade de conhecimento: “Os fins da Geografia Humana ultrapassam o problema da Geografia Política e da Geografia Econômica, com as quais se tende a confundi-la, pois abrange-os dentro de um programa mais amplo, impregnado do caráter filosófico, que deve a seus ilustres antecessores”. Nem todos, mesmo os que tratam da Geografia econômica, pensam assim, entretanto. Mas já Lucien Febvre havia definido: “Ora, quem quer trabalhar, utilmente, no estudo das relações do meio e das sociedades humanas deve possuir, sem dúvida, o profundo conhecimento desse meio e a inteligência exata da verdadeira natureza e do caráter próprio das sociedades humanas.” (SODRÉ, 1976, p.105,106).

Durante toda a construção textual de Sodré nesta obra, quando realiza a exposição sobre a sistematização do que conhecemos atualmente como Geografia, constrói a idéia de como ela foi utilizada para ajudar a consolidar os processos presentes no sistema capitalista, assim, a Geografia servindo como um aparato ideológico do Estado e para o Estado diante da edificação de uma sociedade baseada na exploração para alcançar o desenvolvimento que é desigual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tanto, no último capítulo da obra, denominado de “As Falsidades Ideológicas”, Sodré realiza uma síntese. Esta não aparece de uma forma conclusiva e sim reflexiva para a continuação da prática geográfica, ou seja, o que a Geografia deveria deixar de ser e o que deveria se tornar. Durante seu processo de sistematização e institucionalização, a Geografia envolveu-se muitas vezes diretamente com o Estado e com as necessidades diretamente ligadas às classes dirigentes. Esta pode ser considerada a tese central das discussões de Sodré.

Embora proceda à crítica da produção geográfica, Sodré não alcança propor um novo fazer para a Geografia. O mérito, portanto, da obra reside na análise crítica do “todo” produzido pela ciência geográfica o que, no momento da confecção do texto teve um significado bastante

importante e se desdobrou nas discussões que advieram dessa publicação ao longo de vários anos, sobretudo nos centros que a “renovação crítica”, sobretudo nos locais onde a “crítico-marxista” teve maior poder de inserção.

Portanto, Partindo do pressuposto de que Nelson Werneck Sodré constituía-se em um *indivíduo expressivo* (GOLDMANN, 1979), sendo, assim, um indivíduo com maiores capacidades de expressar, a partir de seus escritos, uma *visão de mundo* compartilhada por um determinado grupo social; e de que há uma necessária ligação entre as visões de mundo e uma busca por uma eficácia política dos discursos ideológicos, o interesse e a importância nos estudos da obra de Nelson Werneck Sodré vão além da mera constatação e caracterização do contexto histórico, social, político e do grupo ligado ao intelectual em questão: é, antes, uma preocupação também com a determinação da posição social e ideológica ocupada por este, evidenciando a existência de uma possibilidade para o seu presente que, a partir do estudo, pode ser entendida como legitimada ou não no panorama espacial, territorial, ou melhor, da formação territorial brasileira.

REFERÊNCIAS

- BECKER, B. K.; EGLER, C.A.G. **Brasil: Uma nova potência regional na Economia-Mundo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. 268 p.
- CUNHA, P. **Um olhar à esquerda: a utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré**. São Paulo: Fapesp/Ed. Revan, 2002. 335p.
- FERRI, M.G.; MOTOYAMA, S.; (coordenadores). *História das ciências no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p. 390.
- FIGUERÔA, S.F. de M. Marcos para uma história das ciências no Brasil. In: FIGUERÔA, S.F. de M. **As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997. p. 15-32.
- GOMES, P.C.C. **Geografia e Modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 368 p.
- MORAES, A.C.R. **Geografia: Pequena História Crítica**. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005. 152 p.
- MORAES, A.C.R. **Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil**. 5ª Ed. São Paulo: Annablume, 2005. 156 p.
- MORAES, A.C.R. Ordenamento territorial: uma conceituação para o planejamento estratégico. In: MORAES, A. C. R. **Meio ambiente e ciencias humanas**. 4ª. ed. São Paulo: Annablume, 2005, p. 139-149.
- MOTOYAMA, S. (org.); NAGAMINI, M.; QUEIROZ, F.A de.; VARGAS, M. (Colaboradores). **Prelúdio para uma história: ciencia e tecnologia no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 519.
- SALDAÑA, J.J. Ciência e identidade cultural: história da ciencia na América Latina. In: FIGUEIRÔA, S.F. de M. **Um olhar sobre o passado: História das ciencias na América Latina**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2000. p. 11-31.
- SODRÉ, N.W. **Introdução à Geografia: Geografia e Ideologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976. 135 p.
- SODRÉ, N.W. **Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril**.
- BRANDÃO, G.M.; NOGUEIRA, M.A. Nelson Werneck Sodré: In memoriam, 1999. Disponível em: < <http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv72.htm>>. Acesso em: 02 fev. 2011.
- MONTEIRO, C.A.F. A Geografia no Brasil ao longo do século XX: um panorama. São Paulo: Associação dos geógrafos brasileiros – São Paulo. n.4, 2002.
- VESENTINI, J.W. Resenha crítica do livro *Introdução à Geografia*, de Nelson Werneck Sodré. In: SILVA, Marcos. (Org.). **Dicionário crítico Nelson Werneck Sodré**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.